JOAQUIM GONDIM

(Da Sociedade Cearense de Geografia e História, da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, do Rio e ex-Presidente do Centro Acadêmico da Faculdade de Direito de Manáus.)

ETNOGRAFIA INDÍGENA

(Estudos realizados em várias regiões do Amazonas, no periodo de 1921 a 1926)

VOLUME I

EDITORA FORTALEZA
CEARA'
1938

TRIBU PIRAHAN

No rio Maicí : — Grupo de indios da tribu Pirahan

O rio Maicí deixou-me impressões tão suaves que nunca mais pude esquecê-las.

Não quero, desse modo, referir-me ás belezas naturais de sua vegetação luxuriante tanpouco á poesia miraculosa daquèlas praias alvadías onde as aguas iam quedar-se, marulhosas e febrís, deixando perceber a leve espuma dos balseiros.

No Amazonas esses encantamentos são comuns. O homem que entra em contacto com a floresta já não se sente surprêso com os seus aspectos, pois bem conhece que está dentro de um cenário inédito onde tudo é maravilhoso e gigantêsco.

O que me prendeu a imaginação, aguçando de um modo irresistivel a curiosidade, foi o primeiro encontro que tive com os selvícolas daquélas paragens amazônicas, certamente o mais propício á realização do meu intento, porque tive a oportunidade de visitar os seus aldeiamentos ribeirinhos, observando os seus costumes, estudando a sua índole, examinando as particularidades de cada tríbu.

Aliás, não existem alí outras castas de indios sinão *Parintintins* e *Pirahans*. Mas, a respeito destes últimos, é que estou a escrever algumas linhas, sem levar em conta a sua inferioridade ou o seu desvalor em face de outras tríbus mais inteligentes e sem dúvida mais inclinadas ao convivio da civilização.

Os *Pirahans*, outróra conhecidos por *Muras*, habitam as terras situadas á juzante do rio Maicí e são de índole guerreira, tendo dizimado, no passado, grande legião dos *Turás*, da qual sobrevivem, apenas, alguns descendentes localizados á margem do rio Marmélos.

A guerra para êles é um esportismo. E a prova é que, cessadas as hostilidades com os *Turás*, passaram, anos depois, a lutar com os indios *Parintintins*, do alto rio Maicí, mantendo este estado de beligerância até 1922, quando a Inspetoria de Indios alí começou a agir com a

necessaria prudência e acêrto, criando postos de vigilância e localização e convencendo os selvicolas de que não mais deviam transpor a linha divisória que se havia traçado, separando as zonas dominadas pelas duas valorosas tribus.

E' fóra de dúvida que, em outros tempos, os *Pirahans* tiveram ligações intimas com gente civilizada. Os traços caracteristicos da raça passaram por um visível estado de heterogeneidade que se constata com a existência, no seio da tríbu, de alguns mestiços semelhantes os nossos caboclos civilizados.

O defeito natural dêsses indios é o desprêzo pelas coisas mais peculiares a outras tribus. Não são capazes de construir uma caprichosa habitação para o seu domicilio. Na estação invernosa, deixam invariavelmente as praias, armando, no cimo dos barrancos, os seus frageis e devassados tapirís, guarnecidos, apenas, por varas de ridicula espessura que, fincadas na areia, sustentam uma cumieira de varinhas amarradas com embira. Na cobertura dos tapirís lançam folhas de sororóca ou palhas de uauassú. Os seus leitos não são mais do que pequenos giráus de varas que repousam em forquilhas de um palmo de altura, fincadas no interior das palhoça.s Mas é de notar que nem todos os indios gostam de repousar nessas gaiolas estreitas e inconfortaveis, sendo grande o numero dos que preferem dormir sobre o limpo das praias ou das barreiras mais iminentes, completamente expostos ao ar livre e estendidos sobre feixes de palha de ubim, perto dos quais avultam, acêsas, as fogueiras que eles costumam fazer durante a noite, com o fim de neutralizar a ação do frío.

Disse o naturalista alemão Curt Nimuendajú, meu ex-companheiro de excursões pelo rio Maicí, que esses indios são de uma invencivel preguiça intelectual que não concorda absolutamente com o seu olhar expressivo e nada estúpido. Quando um estranho se aproxima de suas malócas, vestem imediatamente a roupa, sentam-se em cima dos giráus dos ranchinhos e esperam que o visitante sáia outra vez. Não sabem nada, não querem saber de coisa

alguma. No momento em que o visitante se quer retirar, começam então a pedir algumas coisas naquela linguagem horrivelmente mutilada e grotêsca, exquisita mistura da lingua geral com o português: *parira* (farinha); *tatai* (fogo).

Os *Pirahans* vivem da caça, da pesca e da pequena lavoura, sendo a castanha a sua principal fonte de recursos com a qual vêm fazendo o seu comércio de troca com os negociantes de regatão.

Em suas rústicas habitações não se encontram outros objetos indigenas sinão flexas, arcos, bolsas de folha de palmeira, abanos, esteirinhas e jamarús.

Isto é a prova concreta de que são dotados de curta inteligencia e pouco afeitos ao trabalho. Eles são surpersticiosos como qualquer selvagem, vivendo ainda afivelados á crença dos que sonham com a lenda dos mapinguarís ou com a ronda dos curupiras á beira dos lagos sonolentos, onde o viandante civilizado que não oferece fumo ou tabaco é submetido a vergastadas de cipó pelos curiosos pigmeus da floresta indígena.

A prova da superstição tive-a eu no aldeiamento "Soledade", no rio Maicí, quando, acompanhado da expedição científica de Filadelfia, chefiada pelo educador Joseph Mc-Goldrick, visitei aquele núcleo indígena fertilizado pelas aguas dos ultimos repiquêtes que infletiam pela encostu da barreira pouco saliente e sujeita ás alagações invernosas.

Era domingo. Havia naquele recanto isolado um profundo rumor de vozes confusas que partiam do interior dos tapirís, erguidcs sobre o limpo do barranco,como que a denunciar angústias e imprecações misturadas com os ecos quasi adormecidos da floresta secular.

Saltamos á margem do rio e aproximamo-nos da malóca com esse natural silêncio que nos inspira qualquer manifestação de caráter litúrgico. Mas, temendo os nossos olhares indiscretos, o pagé da tribu logo fez cessar a toada dos oficios religiosos e veíu ao nosso encontro, acompanhado dos demais selvicolas, fazendo-nos sentir que, ha vinte dias, haviam morrido três indios, e a

tribu estava a invocar o seu deus Tupan para combater e repelir o inimigo oculto, o genio maligno de Juruparí que estava dizimando vidas preciosas, perturbando o sossêgo do *habitat*.

Não menos preocupado com a solução do caso, outro indio, o de nome Maruka, reclamou a nossa vista para a margem oposta do rio, que fica á curta distancia, e logo observamos uma cêna curiosa e devéras original: inúmeras flechas, partidas do dédalo da mata, chofravam os ares em desordenados lances de malabarismo grotesco, arrancando folhas, sacudindo ramos, espantando as tímidas aves que baloiçavam nos galhos das samaumeiras esbeltas.

A cêna aguçou a nossa curiosidade. Fizemos uma indiscreta pergunta ao nosso interlocutor e ele nos respondeu com natural sobriedade, deixando perceber que eram o indio Parira e outros companheiros que estavam desafiando á flecha a fúria de Juruparí, enquanto o pagé se incumbia de afugentá-lo com os seus ofícios.

A crença- nos efeitos dessa medida de repressão ou desagravo era tão sensivel entre os indios *Pirahans* como a certeza por êles nutrida de que o olhar do bôto vermelho, quando se confunde ou se cruza com os olhares de uma india casada, em noites de lua cheia, produz a imediata gravidez e traz como consequências futuras o nascimento de uma criança infeliz e sujeita aos peiores acidentes da vida.

Como se vê, os *Pirahans* são supersticiosos como as demais tribus da planicie amazônica. E, como estas, tambem possuem á parte o seu dialéto intolerável e grotesco, exquisita mistura da lingua geral com os dialétos falados por outras castas de indios que mantiveram relações com os seus antepassados.

Eis porque, a titulo de curiosidade, organizei ligeiro vocabulário do dialéto desses indios, tendo agora o ensejo de enfeixá-lo na íntegra, sem outro intuito que não seja o de submetê-lo ao meticuloso estudo dos que se enfronham nos assuntos da etnografia indígena.

Éi-lo :

A

Arco	Uhen
Agua	Pê
Antebraço	Buhicaçá
Agulha	Pê-ei
Anzol	Marrim
Arráia	Pururé
Anta	Cauátei

B

Bom	Ahicei
Bebida	Uará
Branco (côr)	Aú
Banana	Puahiren
Barba	Ahitai
Bigode	Isaitpai
Barriga	Ahituí
Bluza	Maniçai
Balde	Autaárissé
Bacába	Uarú-ren

C

Céo	Miré
Comer	Aiúpacê
Cabelo	Aípuputuhi
Costelas	Ahipai
Côxa	Aruen
Calça	Imagaçai
Cana de assucar	Muaçai
Couro de veado	Suên
Cobra	Tiruté
Cão	Neúpai
Cerol	Pucí
Calôr	Aúpaúitá
Cochilar	Cubapiára

D

Deus	Tupan
Deitado	Aícai

Dente	Ahítupai
Dedo	Aúhen
Diabo	Jurupari
Doença	Ibipái
Dá-me	Cé-ruãn
Dansa	Puracé

E

Espingarda	Aúhí
Enxada	Torí
Embira	Maicí

F

Fósforos	Uhái
Fogo	Tatái
Faca	Caraúicí
Flecha	Caúcì
Farinha	Araicê
Febre	Ibipai
Festa	Puracé

G

Garganta	Buhutupái
Grande	Urí
Gavião	Tarreré
Garrafa	Puên
Goiaba	Iábarrên
Gramofône	Tupará

H

Hombros	Buassú

J

Jatuarana (peixe)	Paahícací
Joêlhos	Aúcí
Jaraquí (peixe)	Taúrim
Jatobá	Tiurúm
Jacundá	Torái
Jacaré	Curà-ei
Jacú	Cabiburi

L

Lua	Cará-ahicí
Labios	Apcí
Línha de costura	Suarêm
Linha de pesca	Iái

M

Menino	A-urrên
Menina	Tibuarran
Machado grande	Taicí
Machado pequeno	Tahicirí
Mão	Upai
Músculos	Apcêi
Milho	Parrenrên
Mandióca	Iticí
Macacheira	Mací
Mala	Patoá
Macaco coatá	Ahí
Macaco coxiú	Capuhú
Macaco prego	Cué
Mutum	Utuhí

N

Noite	Abuáurúm
Nariz	Toúpái
Nambú	Tarué

O

Olhos	Ahicitú
Ovo	Duçuei
Onça	Muruipai
Ouriço de castanha	Auên-tirên

P

Pé	Ahí-á
Pequeno	Cuirin
Palha	Peçuím
Pedra de amolar	Atêi

Panela	Taurãn
Pirarára (peixe)	Tibubucí
Preguiça	Bapiára
Praia	Taúrací
Peixe	Pirá
Pirarucú	Pirariei
Paca	Cairím
Pedra	Itá
Pau	Ei-ei
Peixe-boi	Piráriên
Prêto	Tapaiúna

R

Remedio	Ibepairái
Rifle	Mucau
Remo	Pepên
Roça grande	Uraí-urí
Rêde	Pecê

S

Sol	Uicí
Sal	Iutirá
Sangue	Bêi
Sobrancelha	Cupahitái
Surubim (peixe)	Uhên
Sôrva	Tubuírai
Sapo	Piricó
Seio	Ibugái

T

Tucunaré (peixe)	Cáuré
Testa	Itipái
Tartaruga	Jurará
Tracajá	Dicurê
Tabaco	Tirin
Trovão	Piai

U

Unha	Aúpoên

V

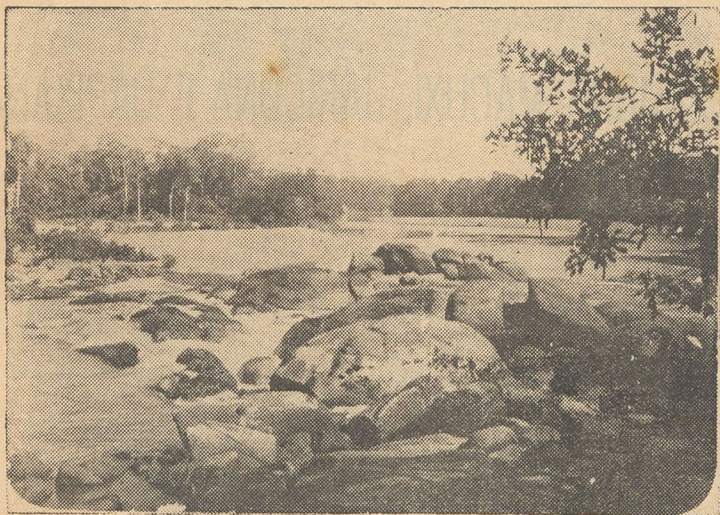
Vento	Uniparí
Vamos	Açái
Vou	Abiçái
Veado	Maítuhí

ALGUMAS FRAZES:—*Açai aiúpacê* — Vamos comer; *Cê-abiçai uraí*—Eu vou para a roça; *Cipuarran iticí*—Eu quero mandióca; *Perênhenrên cubapiára?*—Tu queres dormir?; *Cê-abiçai-puracé*—Eu vou dançar; *Cerruhá-cabiçá*—Não dou.

Aí ficam as minhas ligeiras notas, colhidas *in loco*, nas visitas que fiz ao *habitat* dos indios *Pirahans*.

Si não representam um trabalho de mérito, revelando, apenas, o esforço paciente de simples repórter, nem por isso deixam de constituir um manancial histórico para os que se interessam pelos magnos problêmas da etnografia indígena.

TRIBUS MACUXÍ, JARICUNA E UAPIXANA

Na Região do Rio Branco

Em baixo : — A cachoeira São Felipe, trafegada por batelões de indios Macuxís

No alto : — Casal de indios da tribu Jaricuna

Quem percorre a região do Rio Branco, no Amazonas, de vêz em quando descobre a sombra isolada de uma tôsca habitação. São os tapirís dos selvícolas que se empregam no costeio de gados.

Os campos da região são imensos, descomunais; dão a ilusão de vastas circunferencias que se confundem com o azul do firmamento.

Mas é no meio desses cenários qne avultam, perdidas, as chóças ou as *utês* dos heróicos aborígenes, quasi sempre aproximadas dos córregos ou igarapés que recortam, ligeira e espaçadamente, o dôrso das savanas ou *lavrados*, deixando realçar, no seu pequeno curso, a verde reticencia dos *miritizais* solitarios.

Podemos afirmar que alí não mais existem indios em estado selvagem. Mas, embora adaptados aos costumes dos civilizados, muitos dêles continuam afastados da região das fazendas, preferindo a vida isolada das malócas que se estendem ao sopé ou nas quebradas das serras do sistêma *Parino Guiano*. Outros permanecem abrigados no posto de proteção que a Inspetoria de Indios fundou no lugar Limão, à margem do rio Surumú.

Não é a inercia nem o capricho que os afasta do convivio da civilização. E' a justa e natural repulsa contra certos fazendeiros inescrupulosos que costumam submetê-los á exploração, dando-lhes ínfimos salarios em paga dos serviços realizados no decurso de longos mêzes.

Ha quem sustente opinião contraria, deixando vêr que o retraimento desses indios "obedece a um impulso mixto, de fundo nostalgico pela saudade da malóca natal e de anseios de liberdade que não encontram no trabalho assalariado".

Mas, semelhante conceito, expendido pelo notável escritor dr. Luciano Pereira, não tem razão de sêr. Assim nos afirma a experiencia posta em prática na fazenda nacional "São Marcos" e no Posto Indígena do Suru-

mú, onde, satisfeitos com o regime do trabalho e com a justa recompensa aos seus esforços, muitos indios se deixaram ficar em permanente estado de localização, construindo alí as suas barracas e não mais alimentando o desejo de voltarem aos seus antigos aldeiamentos.

Não visitei outras tribus no Rio Branco sinão as denominadas *Macuxís, Jaricunas e Uapixânas.*

O meu contacto com esses indios foi rapido; teve, apenas, a duração dos dias que passei no posto do Surumú. Mas, assim mesmo, tive o ensejo de apreciar as suas tendencias, os seus costumes e a sua indole, notando que êles são afeitos ao trabalho, dotados de bons sentimentos e possuidores de um nivel moral que os coloca em plano superior ao de outras tribus que eu tenho conhecido na planicie amazônica.

Muitos desses indíos gostam de viver em grupos, trabalhando coletivamente sob a direção do tuchaua ou chefe patriarcal, mas não fomentam discordias nem deixam de impôr o devido respeito á sua prole. Conheci no alto Surumú os tuchauas Íldefonso e Domingos e confesso que recebi dêles a mais agradavel impressão pela sizudez com que expediam ordens ou orientavam os indios nos serviços da pecuaria, da pequena lavoura ou da caça e pela natural solicitude com que zelavam pelo regime moral no seio das malócas.

Referindo-se a esses selvícolas, disse o dr. Luciano Pereira que "quando nas malócas, plantam o milho e a mandióca de que necessitam e o que sobra vendem aos civilizados, em troca de armas e pano para roupa". Os seus serviços são aproveitados em todos os mistéres, mas o em que são indispensaveis, porque nêle poucos se atrevem a fazer-lhe concorrencia, é o de remar canôas ou batelões nas travessías perigosas das cachoeiras ou corredeiras. Hereditaria e pessoalmente acostumados a afrontar esses perigos, fazem-no com uma perícia e sangue frio tais, que os máus acidentes só se registam como casos de excepção".

Mas, não é só. Eles são admiraveis como vaqueiros,

fazendo na equitação verdadeiros prodígios de malabarismo. Ninguem melhor do que êles sabe costear um rebanho de gado bravío que se assusta ou abála em vertiginosa carreira.

E' nesses lances imprevistos que, com rara perícia, atiram o laço de coiro crú para apanhar a rêz enfezada, fazendo-a perder a força com a violencia da quéda e obrigando-a a volver ao rebanho.

Não tive o prazer de apreciar as festas caracteristicas desses indios; mas a senhorinha Cecilia Brasil, da alta sociedade rio-branquense, deu-me alguns dados curiosos a respeito dos *macuxís*, pelos quais se vê que, na dansa, êles costumam entoar esta canção inspirada pelo sentimento de sua alma rústica:

Massá, massá,
Oquê bonan,
Etetanê assanzá
Patóretó,
Côrôbê, côrôbê, côrôbê.

O aspecto desses indios nada tem de selvagem. Eles são comunicativos e afáveis, sabendo inspirar simpatía a todas as pessôas que procuram cultívar a sua amizade.

Os homens são, na sua maioría, de forte compleição física, estatura mediâna e têz moreno-clara, sendo natural a sua tendência para o estudo de artes e ofícios.

As mulheres são expansivas, alegres, e engenhosas na confecção de trabalhos manuais. Ninguem melhor do que élas sabe tecêr uma tanga de sêda, ou de algodão. Vi alguns tipos femeninos na malóca do tuchaua Ildefonso, no rio Surumú, e não posso negar que me inspiraram mais simpatías do que as cabôclas civilizadas, deixando vêr, no seu conjunto, delicados traços fisionômicos e a elegancia de fórmas que serviriam de modêlo aos exigentes cultores da pintura.

Quando em viagem pelas serras, alguns indios costumam trazer ás costas o seu *panacú* ou *jamaxí* carregado de generos alimentícios ou de quaisquer outros objetos.

A minha curta estadía no Surumú impossibilitou-me de fazer um estudo sobre a linguagem desses selvícolas. Mas, assim mesmo, auxiliado pelo meu coléga Torquato de Faria e Souza, pude organizar um ligeiro vocabulário do dialéto falado pelos indios *macuxís*, e é o que passo a reproduzir:

A

Macuxí	*Português*
Apó	Fôgo
Aracapuça	Espingarda
Aútá	Rêde
Arimaragá	Cão
Arikitum	Preto
Aroké	Papagaio
Axicá	Vem
Acuçá	Agulha
Aninguê	Longe
Apiguê	Pega, segura
Azê	Vamos
Anecró	Negro
Amoré	Tú

B

Bararú	Banana

C

Canên	Não
Catumbé	Môrto
Cacuxí	Onça
Canaimé	Assassino
Chirquír	Estrêla
Capói	Lua
Caraiuá	Pessôa civilizada
Chímiriqui	Pequeno
Cauím	Cachaça
Chimputá	Alí
Cataú	Linha
Carená	Galinha
Chêrêkê	Mentira

Canên-bambê	Apressado, ligeiro
Cauaré	Cavalo
Curabío	Jacundá
Cócó	Avô, avó
Cáinãn	Gôrdo
Caxirí	Bebida indígena
Cuçambê	Comprido
Chipí-corôn	Altura, dimensão
Cotocá	Algodão
Ciúrenã	Grande
Ceboró	Caminho

G

Garãn-garãn	Piôlho

I

Immoçá	Tango
Ipim	Serra, montanha
Inãn	Sim
Iácombí	Parente
Iquê	Beijú
Inúm	Lingua
Inobê	Mulher
Idémogãn	Comêr

M

Moró	Peixe
Macrêi	Diabo, genio do mal
Magairé	Assado
Manôn	Lindo
Manarêpê	Querido
Massá	Carapanã
Manarí	Peneira
Morôn-mãn	Lá, além
Miguê	Formiga
Macuíbê	Ruím, máu
Manatê	Leite

N

Nairê	Remo
Nekê	Dá
Nen-nen	Ferida
Nunguê	Piúm

P

Pubái	Cabeça
Pacá	Vaca
Pucanê	Flecha
Piomongõn	Homem
Pinanên	Amanhã
Pipú	Moita
Pretocú	Sapo
Pipê	Couro
Piabumãn	Porto
Pixà	Cuia
Piritó	Chumbo
Pan	Sal
Piricó	Araçá
Pagé	Curandeiro
Puinguê	Porco
Pacó	Tôlo
Pomãn	Ovo

S

Sararú	Carne
Siningãn	Cobra
Sêlêrêpê	Hoje
Siní	Isto
Subrái	Terçado
Sacanêm	Dois
Sarí-unêm	Treis
Saglêrei	Quatro

T

Tequê	Faça, faz
Tunãn	Agua

Taurá	Faca
Tambaranãn	Acabou-se
Tuquê	Muito
Tunambê	Devagar
Tupân	Deus
Taunixí	Deixar
Tauím	Um

U

Urí	Mulher
Uí	Farinha
Uáikim	Veado
Utê	Casa
Uêi	Sol
Uarará	Tartaruga
Ubá	Canôa
U-itúm	Dormir
Uánãn	Nunca
Urêi	Eu

Y

Yiacó	Cunhado

Terminando estas ligeiras notas, devo acentuar que, na imensa região do Rio Branco, existem outras tribus de indios, inclusive as denominadas *Chirianá*, *Maracaná*, *Purucotó*, *Sapará*, *Uaíca*, *Máiumará* e *Pichaucó*, habitantes do rio Uraricuéra; *Macú*, *Maiongong (Iecuaná)*, do rio Auarí; *Tapióca* e *Uaiêuê*, do rio Anauá; *Aturaí*, do rio Tacutú; *Pauchiana*, dos rios Carátirimãni e Mocajú.

E' indiscutivel que algumas dessas tribus são oriundas da Venezuela e da Guiana Inglêsa, de onde se passaram para o Rio Branco amazonense, adaptando-se aos costumes dos nossos selvícolas. A respeito deste importante assunto farei oportunas considerações quando tivér de publicar o meu trabalho sobre a imigração de indígenas estrangeiros e a influencia de suas linguas sobre os dialétos falados pelos indios brasileiros.

A TRIBU PARINTINTÍN E SUA PACIFICAÇÃO

Conferência realizada na Casa Juvenal Galeno, em Fortaleza, sob o patrocínio da Sociedade Cearense de Geografia e História.

Nas solitarias regiões
dos
rios Maicí e Maicí-mirim

Casal de indios da tribu Parintintín

A tribu *Parintintín* descende da antiga nação indígena que habitou a região do Tapajós com a denominação de *Cauahíb.* Pertencem ao mes o tronco as tribus *Paranauád*, *Tacuatíb* e *Uíraféd*, cujos representantes, ôje conhecidos por *Tupís*, encontram-se no Riozinho, afluente da margem direita do alto Machado.

Quem conhece a situação geográfica da Amazônia não póde deixar de concordar que, deslocando-se da região do Tapajós, os *Parintintíns* transpuzeram as c beceiras dos rios Sucundurí e Aripuanã e, seguindo sempre a direção oéste, foram localizar-se nas terras centrais compreendidas entre o alto rio Marmélos e o baixo Gi-Paraná, na região do Madeira.

Folheando alguns relatórios de presidentes da antiga provincia do Amazonas, verifiquei que, em 1868, êles invadiram o logar «Frexal», perto do antigo distrito de Santo Antônio, do rio Madeira, onde assaltaram a barraca do inspetor de quarteirão; em 1870, atacaram a casa do comerciante José Francisco Monteiro, no igarapé dos Baêtas, resultando desta sortida uma morte e ferimentos em cinco pessôas; em 1874, tentaram destruir a missão de São Francisco que, sob a chefía do piedoso frei Luiz Mancini, havia sido fundada na confluencia do rio Preto com o Madeira para a catequése dos indios *Aráras* e *Torás.*

Foi nessa época distante que tomou vulto a odisséa dos indios *Parintintíns.* Feridos na sua honra, atacados no seu *habitat*, espoliados nas suas terras, êles se viram forçados a repelir, aliás com grandes perdas, dada a desigualdade de armas, repetidos ataques de expedições armadas e de numerosos grupos de *caucheros* incendiarios que infletiram sôbre as suas malócas, algumas situadas nos rios Maicí e Maicí-mirim, outras no rio Ipixúna e outras ainda nos centros de vários seringais do Madeira.

A cêna mais horrivel desenrolou-se no rio Maicí, no

ano de 1915. Nesse tempo, fugindo á sanha dos *caucheros*, os *Parintintíns* se haviam localizado num plano saliente que domina dois estirões do estreito rio, armando os seus tapirís sôbre a margem e transformando aquele lugar num dos cenários mais pitorêscos da região amazônica. Mas, nem mesmo alí estavam em lugar seguro. E foi assim que, num dia fatídico, grande expedíção de *caucheros*, chefiada pelo peruano Benjamin Maia, subiu afoitamente aquêle rio e estacou de imprevisto na altura da grande malóca, onde se fêz ouvir a primeira descarga dos expedicionários, vizando, de chôfre, os ranchinhos que repousavam sôbre o limpo do barranco. Ante o espectro do terror, algumas mulheres e crianças trataram de refugiar-se no cerrado da mata próxima e outros tombaram sôbre a algidez do sólo, vitimados pelas balas assassínas. Era o lance inominável da tiranía, na sua semeadura de cinzas e de luto. Contra êle havia, apenas, a repulsa dos heróicos *Parintintíns*; mas, nem êles podiam contêr a arremetida traicoeira, porque, para atingir precisamente o inimigo, com as suas flechas, era necessário que recorressem a melhor posição, ditada pelas circunstâncias do momento, o que não fôra possivel. Dêste modo, preferindo o desagravo ao ultráje, os *Parintintíns* atiravam-se do alto da barreira ao rio, de arco em riste, objetivando o batelão sinistro e desolador, de cujas bórdas os *caucheros* deflagravam certeiramente os seus rifles, produzindo o aniquilamento e a morte. Terminada a hecatômbe, os últimos guerreiros indígenas trataram de fugir, enquanto os expedicionários transpunham o cimo da barreira para devastar as roças e queimar os ranchinhos que constituiam o enleio daquéla desolada tribu indígena.

A lembrança dêsse martírio tomou a visão de um quadro acabrunhante. Ainda ôje, cada esteio denegrído de uma dessas malócas, recorda a obra satânica de uma civilização sem entranhas, e é sob um misto de dôr e de imprecação — verdadeira "*Elegía*", de Massenet — que os *Parintintíns* passam em canôa ao longo daquêle deserto logarêjo, vedando os olhos com as mãos e exclamando: "*hia! hia! hia!*", como se estivessem a evocar

a sombra de seus mórtos ou a maldizêr do instinto sanguinário de uma civilização alheia aos mais comezinhos sentimentos de humanidade.

Os indios *Parintintíns* pouco diférem dos nossos cabôclos civilizados. São de côr morena, feições quasí delicadas, estatura mediana, forte compleição física, músculos desenvolvidos e cabêlos lizos, cortados em tôrno da cabeça, deixando transparecer no semblante muita vivacidade e expressão. As mulheres são, na sua maioría, de baixa estatura, notando-se, entre élas, alguns tipos atraentes pela elegancia de suas fórmas. Gostam de pintar o cólo com tinta de genipapo e uzam coláres de coquilhos, nunca deixando de cingir as pernas, pouco acima do tornozêlo, com ligas de embira ou de fio de algodão. Os homens costumam pintar o rosto com manchas ou linhas simétricas, feitas a barro branco e tinta de genipapo, cingindo a cabeça com *akanitáras* de penas de aves, em fórma de diadema, alguns rematados por lindos enfeites da cauda da arára, que lhes pendem sôbre o espinhaço.

Disse o naturalista Curt Nimuendajú que "quando em grupo, um ou outro indio se destaca á frente, de modo mais extravagante, deixando vêr o rosto, o pescoço e o tórax feiamente tisnados de carvão Quem vê um dêsses índios, á grande distancia, tem a impressão de um homem metido num paletó preto, sem mangas, e é daí que vem a lenda dos habitantes do Madeira de que entre os *Parintintíns* se encontram pessôas civilizadas e de que o *tuchaua* é um preto maranhense.

Quando em palestra, os *Parintintíns* são expansivos e joviais; querem saber de tudo e não hesitam em formular perguntas orientadas por um espirito que demonstra ter vivído em contacto com o mundo civilizado. Disse o meu ex-coléga Curt que, ás vezes, no Posto de Pacificação do Maicí-mirim, quando as suas expressões concordavam perfeitamente com a lingua *Guaraní*, tinha a impressão de que estava palestrando com um paraguaio qualquer. Era notavel o esforço que faziam para serem compreendidos, repetindo as frazes quando notavam que

o seu interlocutor não as havia entendido bem, e recorrendo á mímíca com grande habilidade.

Mas, a inteligencia dêsses indios vai mais além. Dotados de natural tendencia para a pintura e para a escultura, êles costumam servir-se de cascas de árvores para a confecção de peixes, bonecos e outras originalidades. No igarapé "Flechal" deixaram vários bonecos modelados em cascas e, no igarapé "Nove de Janeiro", fizeram desenhos, a carvão, no tronco de uma árvore, um dos quais representando três homens com barba, bigóde e umbigo.

A dansa é uma das distrações predilétas dos *Parintintíns*. Mas, nas festas comuns, éla é tão banal e tão insípida, que não provoca sensação. Dispostos em fila, no páteo da malóca, eles marcham de frente até uma certa distancia e tornam a voltar ao ponto de partida, de vez em quando soprando as suas gaitas de bambú ou dando pigarros isolados como que a preparar a garganta para um grande concêrto. Nesse vai-vem, passam alguns minutos a marchar com a sua natural sobriedade e depois começam a cantar esta canção ditada pelo sentimento de sua alma rústica:

Niuárundê
Coáro caiú,
Cupaiuê,
Itaquíhé ihú
Eré icuába hé.

A dansa guerreira tem outro caractér e apresenta certa analogía com a dos famosos tupinambás. Eles se colocam em fórma de um círculo, com as mãos postas nos hombros, uns dos outros, e dêste modo, volteando e batendo cadencialmente no sólo com o pé direito, deixam perceber o som ritímico do passo que se confunde com os rumôres dos guisos de *tucumã*, seguros estes por uma liga que lhes cinge a perna pouco acima do tornozelo. Enquanto dansam, os rumores dos volteios são entrecortados pelas notas de suas gaitas, simulando cantos de nambú (ave) e, cada uma das pauzas, é sempre remata-

da pelo grito estridulante de — *hía! hía! hía!* — que êles arrancam do peito com indizível entusiasmo.

Dentre o conjunto das canções, observei uma quasi plangente e suave, que se destacava do canto indígena, dando-me a idéa de que os *Parintintíns* a aprenderam antigamente, ouvindo-a talvez de algum seringueiro solitário em sua barraca. Não tinha lêtra; as indias a entoavam por meio de sons, valendo-se dos seus rústicos solfêjos, que mais pareciam um concêrto de vozes perdidas no silencio da floresta secular.

E' curioso notar que, entre os *Parintintíns*, existem duas facções que, embora unidas, tomaram familiarmente as denominações de *Coandú* e *Mutum*. Daí resulta que um *coandú* só póde casar-se com uma india *mutum*, e vice-versa, não sendo lícito a nenhum dos selvícolas infringir êsse preceito. O pedido nupcial é feito pelo pretendente, ao pai da nubente, podendo esta ser de maior ou menor idade, até mesmo infanta. Mas acontece que, se a menor é criança, o contraente espera que atinja o período da puberdade para poder realizar o casamento. Alguns pretendentes costumam tutelar a noiva impúbere, desde o momento do contracto nupcial, levando-a livremente para a sua malóca, onde tratam-na com o devido respeito e acatamento á sua honra até o dia da ligação marital ou consórcio. Como prova, citamos o caso do indio Diahy que, residindo numa das malócas do Maicí-Grande, ha mais de cinco anos tem em sua companhia uma noiva impúbere, que é tratada com o devido respeito.

As mulheres *Parintintíns* não têm o menor resguardo parturial. Dão á luz a criança na mata ou em qualquer outra parte e, após a *delivrance*, banham o recem-nascido no igarapé mais próximo, depois friccionando-lhe o corpo com tinta de urucú e aquecendo-o ao calor de fogueiras. Elas são amorosas para os seus filhinhos e, quando em viagem, costumam trazêr o infante numa tipóia larga e folgada, disposta a tiracólo sôbre o busto e tecida com fio de algodão, do que resulta que a criancinha não encontra dificuldade nos seus movimentos, podendo alimentar-se, por sisó, do leite materno.

A idéa do sobrenatural não é extranha ao espírito dos *Parintintíns.* Eles acreditam na existencia de um Deus supremo, chamado *Tupan*, cujo poder se manifesta no estridôr do trovão e preside a todos os desígnios dos mundos objetivo e subjetivo. Mas, ao lado dêsse Deus, há outras divindades menores, inclusive *Yahê* (a lúa) e *Caihú* (as constelações).

Quando um indio morre, *Caihú* baixa á terra, transfigurada num grande macaco, para levar a alma do morto ás regiões do *Yvag* (céu), tornando-se o seu eterno guía na vida exterior.

Outra coisa que os preocupa é a manía da superstição. Para êles é indiscutível a existencia de *Anhangá*, o espírito maligno que ocultamente os persegue na terra, tornando-os vítimas dos revézes e dos males epidemicos que infelicitam a vida nas malócas. E' por isto que, quando o *habitat* é assolado por qualquer flagélo, tratam de abandonar as suas velhas habitações e vão construir outras em zonas mais distantes, fugindo, assim, á sanha do inimigo oculto até que o *pagé* possa afugentá-lo com os seus ofícios.

Não menos incrível é o pavor que têm do poder fetichista dos indios *Odiahúbes*, habitantes da zona central do rio Branco, afluente do Marmèlos. Dizem êles que, acirrados pela vingança, os *Odiahúbes* costumam enviarlhes, á noite, grandes morcegos, que lhes roubam os cabelos, aplicando-os nos processos de bruxaría. E acontece que, toda vez que relatam as façanhas dos *Odiahúbes*, não podem esconder a sua natural timidez fetichista, exclamando com espanto: *Tira-hum! tira-hum!*, que quer dizer: *ruím! ruím!*

E' na guerra que os *Parintintíns* se mostram ciosos da sua coragem varonil. Feridos na sua honra ou humilhados na sua altivez, são capazes de todas as aventuras, não sabendo recuar em face do inimigo. E é tarefa bem dificil vencê-los na floresta, pois são expedítos na descarga de suas flechas, certeiros na pontaría e previdentes na escolha de posições, sabendo fazer trincheira do

tronco de uma árvore, ou avançar quasi de rastros para não serem visados pelos olhares do inimigo.

A luta para êles nunca foi um *sport*. Disse muito bem o naturalista Curt que é uma natural consequencia das muitas refrégas que, desde gerações, vinham sustentando contra os invasores de suas terras, lutas em que se tornaram temídos e respeitados e que lhes deu a conciencia de sua superioridade guerreira.

Nos seus ataques ao Pôsto de Pacificação, no rio Maicí-mirim, nunca surgiam da mata fechada; vinham sempre pelos caminhos que, partindo do centro da floresta, davam ingresso para a área do estabelecimento. Era hábito atirarem todos ao mesmo tempo e, quando as flechas já vinham descendo, rompiam na sua costumada gritaría: *hía! hía! hía!*, como que concientes do valor, ou da sua superioridade guerreira. A's vezes, ao descarregarem as suas armas, faziam meia volta e, brandindo o arco, atiravam novamente.

E' ainda opinião de Curt que, na luta, esses indios não têm chefe nem *tuchaua*; cada um peleja por conta própria. E a prova é que, cessado um dos ataques ao Pôsto de Pacificação, enquanto alguns dêles palestravam amistosamente com o seu protetor, guardando pequena distancia, outros o deixavam com a vida em perigo, com algumas flechadas, o que não poderia acontecer se estivessem sob o mando de uma só pessôa.

Mas a verdade, porém, é que tal circunstância só póde ocorrer no momento da luta. Assim o afirmamos, com sobejas razões, pois é sabido que, antes de partirem para uma guerra contra qualquer tribu inimiga, os *Parintintíns* recebem do *tucháua* as necessárias instruções, e é perante êle que prestam o juramento de honra.

Tive o ensejo de presenciar a simulação dessa cerimônia no Pôsto do rio Maicí-mirim, quando alí estive em 1923, com a Expedição Cientifica de Filadelfia. Confesso que as minhas emoções foram extraordinárias, indescritíveis. No páteo do estabelecimento, onde se haviam postado em fórma de semi-circulo, os *Parintintíns* ostentavam na mão esquerda as suas armas e tinham os olhos

cravados no chão, em testemunho de respeito. No meio deste aspecto de gravidade, surgiram á frente as três principais figuras do ato: o *tacháua*, o *pagé* e o seu auxiliar. Cantando a princípio uma canção guerreira, em que se sentia o calor do entusiasmo indígena, os três fizeram uma breve pausa e começaram a percorrer o semi-círculo, a passos lentos, parando em presença de cada um dos guerreiros, a partir do primeiro que permanecia na extremidade do lado direito. Toda vez que estacava, o *íucháua* servia-se de uma cúia que trazia á mão, e mergulhando-a no *jamarú*, que era conduzído pelo pagé, cheio de *cauím*, dava a bebida ao valoroso guerreiro, exclamando com sobriedade: *Koró dé iuírapá!*, que se traduz por "forte no teu arco". O auxiliar tinha outro *jamarú* com agua potavel, servindo êste liquido ao guerreiro, depois que êle tomava o *cauím*. Terminada a libação, o tucháua fêz colocar os *jamarús* á curta distancia, diante do semi-círculo, e os guerreiros, obedecendo a uma só voz de *Orocói pendehé!*, levantaram a cabeça e enristaram celeremente os arcos, desfechando uma descarga certeira sobre os utensílios, rematada pelos seus gritos estridulantes de *hia! hía! hía!*, que é o brado de guerra dos *Parintintíns*.

II

Apreciemos, agora, o modo por que foi feita a pacificação dos indios *Parintintíns*.

Em 1921, encarregado pela Inspetoria do Serviço de Proteção aos Indios, o oficial do nosso glorioso exército, major Emanuel Silvestre do Amarante, fundou um Pôsto de Vigilancia no médio rio Maicí, no Amazonas, conseguindo alí retêr e localizar os indios *Pirahans* (Muras), que costumavam invadir a zona limítrofe dos *Parintintíns*, no rio Maicí-mirim—triste cenário onde as duas tribus se chocavam, em sangrentas guerrilhas, acirradas pelo instinto da rivalidade belicosa.

Cessadas as hostilidades, com a concentração dos *Pirahans*, naquêle Pôsto, o digno inspetor dr. Bento Martins Pereira de Lemos incumbiu o naturalista alemão Curt Ni-

muendajú, da pacificação dos *Parintintíns*, tendo êle feito, como preliminar, duas viagens de observações ás referidas zonas indígenas, findas as quais apresentou o seu relatorio, do qual destacamos os seguintes tópicos : "A zona dos *Parintintíns* começa em ambos os braços do rio Maicí, ha umas quatro leguas acima do ponto em que estes fazem confluencia. Só vi dêles vestigios e moradas abandonadas. Subindo primeiro pelo Maicí-mirim, encontrei uma ranchação de oito *tapirís* dos *Parintintíns*, datada de mais de ano, e na qual havia pernoitado o explorador indígena Caetano Centauro quando alí passou em 1921. Vi ainda as arrumações de cosinha dêle e uma árvore gravada com as letras S. D. M. No dia seguinte, encontrei a primeira capoeira com um rancho, já em parte alagado pela enchente, seguindo-se outra ranchação e depois outra capoeira, tudo abaixo do igarapé "Nove de Janeiro". Proseguindo na minha rota, no dia seguinte alcancei o referido igarapé e alí pude vêr os esteios de uma malóca velha, no fundo da capoeira, estando a coberta crestada pelo fogo. Achei tambem na barreira dêsse lugar cacos de uma *igaçába*, prova de que o referido igarapé, antes dos *Parintintíns*, já esteve habitado por outras tribus que cultívavam a cerâmica. Subindo pelo braço do grande rio Maicí, vi perto da bôca duas capoeiras já muito antigas. Depois apareceram vestigios dos indios nas moitas marginais e um ninho de *japiím*, arrancado. Na tarde do mesmo día, achou-se a bôca de um caminho antigo, na margem direita, e os restos de uma fogueira. Passei depois por uma enorme barreira, na margem esquerda, encontrando uma capoeira de dois anos, com quatro ranchos grandes. Haviam sido feitos no tempo em que a roça deu frutos, mas, muito depois, talvez em 1921, pelo menos um dêles fôra habitado pelos *Parintintíns*, pois ainda apresentava, a poucos passos de distancia, alguns pés de bananeiras, mamoeiros e urucuzeiros".

Em 31 de março de 1922, orientado por esses estudos preliminares, o auxiliar Curt, acompanhado de vinte e dois trabalhadores e provido de materiáis e gêneros ali-

mentícios, fundou o Pôsto de Pacificação, no rio Maicímirim, construindo o primeiro e espaçoso barracão á margem direita, num terreno dominante que, pelo lado do norte, faz frente para o mesmo rio e do qual corre a léste, em fórma de pontal, uma nêsga de terra que avança sôbre as aguas e se inclina até o ponto de confluencia daquêle rio com o igarapé "Nove de Janeiro". Dos lados Sul e Oéste, a área do Pôsto se comunica com dois antigos varadouros dos *Parintintíns*, um dos quais facilita o transito para o centro do seringal "Paraiso", no rio Madeira.

Feita a instalação, o pessoal internou-se pelos caminhos terrestres, trilhados pelos indios, inaugurando Postos de Brindes nos trechos em que havia capoeiras e outros indícios palpáveis da passagem dos *Parintintíns*. Percorreu, depois, em canôas, solitárias paragens dos igarapés "Nove de Janeiro", "Macacos" e "Traíras", levantando outros Póstos de Brindes em lugares suspeitos das margens, onde cascas de ouriço, ninhos arrancados e sinais de rastros humanos indicavam a ronda habitual da famosa tribu.

Os Postos de Brindes nada mais eram que *tapirís* isolados, cobertos por uma ou duas folhas de zinco, de grande dimensão. Debaixo dêles, a salvo das chuvas, eram colocados cêstos crivados de anéis, coláres e fios de missanga, terçados, machados, facas, utensílios, roupas e outros objetos, alguns dos quais pendiam interiormente do tecto de zinco, suspensos por cordões. Eram estes os presentes com que os pacificadores visavam não só conquistar a amizade dos selvagens, como provê-los de instrumentos modernos que, substituindo os de uso primitivo, podessem facilitar-lhes a atividade na lavoura e na pequena industria.

O expediente logrou efeito. Dias depois os *Parintintíns* começaram a retirar êsses objetos, furtivamente, deixando no logar estrépes e flechas fincadas no sólo, como sinal evidente de que tinham desconfiança dos intuitos de seus protetores e com êles não queriam relações. Renovando sempre as provisões de brindes, nesses postos,

com a necessária cautéla, certo dia o pessoal havia atravessado uma capoeira, á grande distancia da séde, quando viu no caminho, por traz de uma árvore abatída, em sentido transversal, três pontas de flecha, fincadas obliquamente no chão, formando um angulo. Era a astúcia dos *Parintintíns* que, dêsse modo, havia preparado uma cilada para os seus protetores, sendo de notar que, por pouco, um trabalhador não foi vítima de uma estrepada.

O primeiro ataque dêsses indios ao Pôsto de Pacificação ocorreu no dia 16 de abril de 1922, pelas 11 horas da manhã. Eles vinham por terra, abeirando o rio Maicí-mirim, mas a cem metros de distancia, sentindo a presença dos trabalhadores, recuaram um pouco á direita do caminho e agacharam-se cautelosamente na mata. Pouco depois, retomando o caminho e chegando até o ponto que desembóca na área do Pôsto, romperam com os seus costumeiros gritos de guerra: *hía! hía! hía!* e, atírando as suas flechas, por pouco não atingiram o diarista Raimundo Batista que, estando na mata próxima, conseguiu correr e penetrar incólume no barracão, onde o encarregado Curt e os demais trabalhadores já se achavam abrigados. Não encontrando hostilidade da parte dos seus pacificadores, os *Parintintíns* rodearam o acampamento, atravès do rendilhado da floresta, indo até o pontal situado na confluencia do rio Maicí-mirim com o igarapé "Nove de Janeiro". Ai, escondídos entre os galhos das árvores, que conseguiram trepar, lançaram os olhares curíosos sôbre o acampamento e assim permaneceram por longos minutos, depois do que escorregaram da árvore e levantaram os seus gritos de guerra, sumindo-se pelas restingas do igarapé solitário.

Em outro ataque ao Pôsto, quando os *Parintintíns*, após a refréga, se retiravam pela margem do "Nove de Janeiro". o encarregado Curt seguiu no seu encalço, em canôa, conseguindo lobrigá-los á certa distancia. Daí procurou atraí-los, com brandura, levantando as mãos que sustinham dois machados e dois terçados, ao mesmo tempo que se expressava em altas vozes, falando a lingua geral:—*Parentes, não faço mal a vocês! aquí ha terçados*

para vocês! Mas, o expediente não logrou exito. Levado por natural timidez, o pequeno grupo já havia fugido, desaparecendo na sombra do *sacado*. Disse o naturalista que, si se expressou na lingua geral, fê-lo com pouca esperança de ser atendido e mais para que êles notassem, na entonação de sua voz, que não estava zangado e, antes, os convidava para alguma cousa.

Não menos impressionantes foram as cênas do terceiro ataque ao Pôsto de Pacificação. Logo que o primeiro enxame de flechas começou a caír sobre as paredes de zinco do barracão, notou o encarregado que os indios forçavam a porteira da cêrca de arame farpado e procuravam ingressar na área do Pôsto, com os seus arcos em riste, motivo por que mandou dar uma descarga de rifle para o ar, prevenindo os efeitos de um possivel assalto. A medida logrou exito, pondo em fuga a maioria dos selvícolas, que abalou para as margens do igarapé "Nove de Janeiro". Mas, outros, tomados de visivel confiança, recuaram apenas alguns passos, deixando-se fic r do lado de fóra da cêrca, a descoberto. O encarregado aproximou-se da porteira, chamou esse pequeno grupo e, não sendo atendido, deixou alí uma bacía com terçados e missangas, recuando, incontinenti, até o flanco do Pôsto. Os indios aproveitaram esta oportunidade, retirando a bacía e levando-a para o pontal. Momentos depois, chegando á beira do rio, notou o naturalísta Curt que, da margem oposta, oito indios pediam brindes, exclamando: *Hemú* (companheiro), *akanitára* (diadema de penas) e pronunciando *bacía* em português claro. Sensibilisado com a suposta atitude pacífica dos selvícolas, mandou lançar uma bacia com brindes sôbre as aguas e enquanto dois dêles se atiravam ao rio, procurando alcançá-la a nado, um outro desfechava uma flecha que, por pouco, não atingiu o trabalhador Raimundo Batista. Não desanimado com esta prova de deslealdade, Curt convidou-os a virem buscar outra bacía, e um dêles pôz em mostra a sua inexcedível coragem, atravessando o rio, apanhando o objeto e volvendo ao seu pòsto. Os outros companheiros, menos confiantes, se deixaram ficar na margem

oposta. Mas, não perderam a vaza: fincaram na areia uma pequena vara com lindos *akanitáras* e de lá fizeram algumas mímicas e gestos curiosos, dando a entender aos seus pacificadores que tambem colocassem uma vara com missangas no barranco do pôsto, que depois viriam buscá-la. Era o alvitre de um novo sistêma de permuta original. Mas, temendo uma cilada, o sr. Curt observou que poderiam jogar-lhe flechas... Os *Parintintíns* serviram-se, então, de um estratagêma engraçado: fizeram um sinal para êle colocar as missangas e, neste meio tempo, levantaram os arcos em sentido vertical, e se puzeram a dansar e a cantar: *Yá tapehê! Yá tapehê!*, enquanto um dos indios, desarmado, observava de perto os movimentos do pessoal do Pôsto. Compreendendo a admirável argúcia desses indios, em procurando demonstrar que, com tal atitude, não poderíam jogar flechas nem exercer quaisquer atos de hostilidade, o seu protetor não hesitou em atendê-los, e disso resultou que um dos selvícolas atravessou o rio e veiu apanhar a vara com missangas, deixando-se ficar do lado do Pôsto. A esse tempo, recobrando animo, os outros fízeram a travessía e vieram juntar-se ao destemido companheiro. A oportunídade era felicíssima para uma tentativa de relações amistosas, e o sr. Curt procurou tirar partido, manifestando-lhes o desejo de entregar, pessoalmente, alguns brindes que tinha á mão. Mas, os *Parintintíns* acharam importuna essa aproximação, exclamando: *Anhan! emombó motéo!* (Não! joga brindes)! Foi satisfeita a vontade dêles. Mas o naturalista Curt, valendo-se da pequena distancia, procurou, então, falar-lhes na lingua *guaraní*, que muito se assemêlha ao dialéto *Parintintín*. E, assim, obteve curiosas revelações e dados interessantes sôbre a sua vida e os seus costumes, tendo um dêles. á certa altura, interrompido a palestra com esta nota devéras cômica: pôz grotescamente as mãos nas dobras da barriga vasía e fêz uma carêta muito triste, dando a entender que estava com fome. O encarregado mandou buscar algumas tijélas com farinha dagua e assucar, comeu um pouco de tudo á vista dêles, advertindo que viessem buscar êsses gêneros. Foi então que, toma-

do de visível confiança, um dos selvícolas aproximou-se do seu protetor e dêle recebeu a dádiva, retirando-se, em seguida, com os companheiros para a outra margem, onde comeram e dansaram alegremente, depois sumindo-se no seio da floresta. Este episodio foi o maior sucesso colhido, porque, pela primeira vez, um *Parintintín* recebeu pacificamente um objeto das mãos de um cívilizado.

Assim proseguíram os trabalhos de pacificação, entrecortados de lances verdadeiramente românticos. Mas, não é só. Certo dia, estando ausente o naturalista Curt, foi o Pôsto assaltado por uma onda de *Parintintíns*, na qual figuravam os guerreíros Yúacá, Diahí, Dihé, Piracatú, Oyiporuí, Apairandá, Tauary e Matikámundé. Temendo o perígo, mas vendo que qualquer imprudência sería peior, de vez que a onda não tinha intuitos belícósos, pelo menos naquêle instante, os auxiliares Amaro José de Oliveira e José Garcia de Freitas deixaram-na entrar, ficando, porém, no páteo com os seus trabalhadores, armados de rifle. O pânico foi enorme! Mas, apezar disso, confundido com a onda invasora, o pessoal não perdeu a necessária calma, trocando gestos amistosos com alguns indios, enquanto outros revistavam os depositos e procediam a uma verdadeíra pilhagem, levando o relógio de parêde, machados, terçados, fazendas. missangas e um paneiro com pratos esmaltados. Não satisfeitos, tomaram um chapéu e uma navalha do trabalhador Francisco Felípe dos Santos; apossaram-se de um terçado que o auxiliar Amaro tinha á mão, dando-lhe em troca um arco e quatro flechas lindamente emplumadas, e até uma velha india, que participava da pilhagem, meteu os dentes na blusa do trabalhador Mariano Lopes, arrancando todos os botões. Entretanto, lançando mão de algnns volumes de milho e feijão, despejaram o conteúdo em duas grandes esteiras, levando apenas os sacos vasíos. Acresce que, enquanto alguns indios levavam as mercadorias, outros experimentavam as ferramentas em todos os páus que encontravam, até mesmo no mastro da bandeira, mas não eram capazes de tomar os rífles das mãos dos trabalhadores.

Na véspera dêsse assalto, alguns trabalhadores do Pôsto, estando a capinar a sua área, ouviram repetidos roncos de caetitú, guinchos de macaco e píos de nambú que partiam da mata próxima. Chegaram mesmo a supôr que alí havía muita caça e o momento era propício para uma bôa caçada, mas logo o sr. Curt os demoveu desse propósito, fazendo-lhes sentir que eram alguns indios *Parintintíns* que, na sua ronda oculta, imitavam as aves e outros irracionais, com admirável perícia, para atraír os caçadores áquele logar suspeito, onde, provavelmente, estavam bem seguros e dispostos a apanhar a prêza.

Poucas semanas depois, compreendendo que o temor e a desconfiança não mais se justificavam, os indios Diahy, Yúacá, Diré e Cary passaram a residir alí com as suas familias, em barracas construídas pelos trabalhadores, não mais permitindo hostilidades nem assaltos e dando ensejo a que os seus protetores aprendessem melhormente a lingua indígena e com êles se entendessem como irmãos. O exemplo medrou, atraindo centenas de indios que frequentavam constantemente o Pôsto e nêle permaneciam horas e horas esquecidas, dansando e cantando ou improvisando as suas fogueiras até o momento em que, providos de roupa, missangas e outros brindes, volviam pacificamente ás suas malócas para cuidar de seus lazeres habituais.

Logo no início das relações, o naturalista Curt tentou obtêr dos *Parintintíns* alguns objetos etnologicamente interessantes, mas cêdo teve de desistir, devido á incrivel ganancia dêsses indios. Acontece que se perguntava por isto ou aquìlo, demonstrando algum interesse, êles traziam em massa, não o objeto pedido, mas imitações péssimamente feitas e sem nenhum valor. Um instrumento, para produzir fôgo (*tatá-ê*) êles cortavam ao meio e dois interessados vinham negociar cada um a metade. Assim quando um indio queria vender o seu arco, ás vezes o desarmava, trocando primeiro o páu e depois a corda para fazer o negocio render. De uma feita, uma india maltratou uma criança e, como o pessoal do Pôsto acari-

ciasse a menor, dando-lhe um colár de missangas e algumas caixas vasías, outros indios trataram de castigar os seus filhos, com leves palmadas, procurando, assim, extorquir presentes.

Em 1924, quando visitamos o Pôsto de Pacificação, acompanhando o naturalista alemão Hermann Dengles e depois, a Expedição Cientifíca de Filadelfia e a escritora inglêsa Diana Rogers, não mais existia alí, por inútil, a cêrca de arame farpado. O guerreiro Matikámundé trocára o nome por Garcia, dizendo-se arrependido dos ataques aos seus protetores. Os próprios rifles eram colocados ao alcance dêles, sem que houvesse, da parte dos trabalhadores, qualquer receio de uma cilada. Muitas vezes eu os vi apontarem com os dedos para as armas, sorrindo e'exclamando:—*Emombó paranã! Dorocói pendehé!* Lancem ao rio! A guerra se acabou! Quando a lancha da Inspetoria chegava ao Pôsto, trazendo mercadorias, êles dansavam e cantavam:—*Motéo nhanderuvirãb! Motéo paranã!* Conta do nosso chefe! conta dos rios!

Estava feita a pacificação. A abnegação patriotica e os métodos empregados pela Inspetoria de Indios, sob a orientação do grande sertanista General Candido Rondon —uma das mais lídimas afirmações da honra e do civismo— deitavam por têrra a lenda do instinto indomável da tribu *Parintintín.*

Que brilhante epopéa! No *okád* das malócas solitárias não mais rugitam os gritos de guerra nem as soturnas imprecações dos feitos belicósos. Eles querem a paz, aspiram a ventura de um novo destino, e é justo que todos os brasileiros concientes de seus deveres cívicos procurem induzí-los ao caminho da civilização.

Lembremo-nos de que a raça indígena tem o seu lugar na história. E' a Felipe Camarão que se deve uma grande parcéla da obra da unidade nacional, como a Tomagíca a conquista do Maranhão, a Tabíra a da Baía, a Tebiriçá a do Espiríto-Santo, a Piragiba e a Itagibá a conquista de Pernambuco.

Iracema acende o fôgo da hospitalidade para acolher em sua cabana a visita inesperada de Poty. Pery, encar-

nando o verdadeiro tipo da lealdade, ainda tem o seu nome ligado ao sacrificio com que morreu ao lado de Cecy, ouvindo os últimos fragôres da palmeira que se abismou nas vascas do horizonte... E' a predestinação de uma raça talhada para o sofrimento. Mas, si é nobre o seu heroismo, mais impressionante é a lembrança do seu trágico destino. A sua odisséa está esboçada neste admiravel surto de Alipio Bandeira, um dos mais cultos oficiais do nosso glorioso Exército: "Os indios hospedaram-nos com a ingênita fraqueza da sua inocencia; guiaram os nossos passos pelos desertos intransponiveis; entregaram-nos a sua riqueza; corrigiram a nossa inexperiencia; ensinaram-nos a defender a vida na luta com os rigôres da natureza agreste; ajudaram-nos a repelir o inimigo quando de sul a norte pairava sôbre o litoral a águia biforme da usurpação; e, quando, alta noite, á sombra da taba solitária, descançavam confiantes, nós os atacamos para roubar mulheres, para escravizá-los, para aniquilá-los."

Não; não é possivel o abandono de tão nobre raça! Amparemos o indio com a sinceridade do nosso civismo, dando-lhe os direitos de que necessita para ingressar no seio da civilização. Ele não é apenas o proscríto das selvas ou das brenhas misteriosas; é, aínda, na expressão do ilustre militar, a voz estrangulada de doze gerações de mártires que brada contra nós através de quatrocentos anos de exterminio!

Apêndice

Vocabulário do dialéto falado pelos indios *Parintintíns*, habítantes dos rios Maicí, Maicí-mirim, Ipixúna e Uruápiára, na região do Madeira. Trabalho organizado por Joaquim Gondim de Albuquerque Lins, ex-auxiliar da Inspetoria de Indios.

A

PARINTINTIN	PORTUGUÊS
Arecói	Tenho
Aputári	Quero
Amõin	Parente
Aiúruí	Frio
Ahê	Dôr
Acãng	Cabeça
Apêtá	Fico
An-hãn	Não
Aé	Sim
Ahapía	Vejo, vi
Auatê-keêd	Milho verde
Auatê	Milho sêco
Amandediú	Algodão
Adicuái	Rêmo
Akãnitára	Enfeite de cabeça
Amâni	Chuva
Acuaháb	Sei
Anibá-ôi	Cantar
Amondó	Dou
Amõntehé	Mulher casada
Ahé-ap	Cabêlos
Aheré-acuád	Olhos
Ahantê	Nariz

Ahé-diurú	Bôca
Ahé-nambì	Orelhas
Ahé-rebék	Tórax
Ahé-up	Côxa
Ahé-retê-mocãin	Perna
Adibá	Braços
Ahé-rãin	Dente
Ahé-pó	Pé
Aíraquê	Festa
Ahé-puacãng	Mão
Aheré-apicãng	Sobrancelhas
Aheré-aiubá	Testa
Aheré-teú-apá	Faces
Aheré adibá	Queixo
Ahó	Vou
Anderá	Morcego
Atêcuái	Remar
Ahé-diocók	Pescoço
Ad'ucá	Matar
Ahé	Meu, minha
Ará-dicatú	Meio-dia
Araragape	Retrato, figura
Apó	Fazer
Amõnguitá	Falar, conversar

B

Bód'a	Cobra

C

Carúnga-mé	Mais tarde
Curubí	Joven (masculino)
Cunhambí	Joven (femenino)
Cunhã	Mulher
Cunhã-mocú	Moça solteira
Coimbaé	Homem
Caiary	Rio Madeira
Coará	Sol
Cauahíb	Parintintin
Catú	Bom

Caturité	Bonissimo
Coará-hê	Calor do Sol
Coimõmé	Amanhã
Chuím	Pequeno, pequena
Ca-á	Matagal, floresta
Coandú-hú	Gavião

D

Dorocói pendehé	Não quero lutar
Darúre	Não trouxe
Diramõin	Avô
Dikêuêra	Irmão
Direndêra	Irmã casada
Diruvêd	Irmãozinho
Ditutêd	Tio
Dacuaháb	Não sei
Da-ú	Não quero comer
Dibé	Me, mim
Dahapía	Não vejo
Diicuári	Machado
Dirúp	Pái

E

Ed'a	Areia
Ehó	Vai
Ehê	Agua
Erohó	Leva
Emondó	Dê, dá
Erêkeêdiê	Medo
Erundê ou arundê	Veado
Eroió	Venha cá
E-apó	Faça, faz
Emboú-dibé	Entrega-me
Erú-dibé	Traz-me
Emoendê-tatá	Acende a luz
Ehâd	Canôa
Eiúb	Agua amaréla
Evá	Caatinga
Evecín	Praia

Evê	Terra
Everá-caabú	Arco-iris
Erêrupê	Dansar
Emombó	Joga, atira

G

Garãndarara	Como se chama?
Gará?	Que é?
Gá	Ele
Gará-inderé-apó?	Que está fazendo?

H

Hemú	Companheiro
Hevicuád	Anel
Hapiagá	Ele vê
Hei-hei, rité	Muito

I

Iandé, *ti*	Nós
Irupê	Lá, alí
Iuírapá	Arco
Itá	Pedra
Ivág	Céo
Inimbó	Linha de pesca
Inimbó tiuím	Linha fina
Itáquihé	Terçado
Inimbó-reevé	Linha com anzol
Inem	Exalação fétida
Iá-imbébe	Bacía
Inámutêm	Galo

K

Eàbutê	Kágado
Kaihú	Constelação
Kairãna	Macaco barrigudo
Kaiataí	Macaco prego

M

Mará-momé	Onde está?
Momína	Acabou-se
Mandióg (?)	Mandióca
Marãnha	Couro
Mopó-heré	Pescar
Mombeú	Enxada

N

Nhandé, oré	Nosso
Nimé	Igual
Niú (?)	Correr
Nhumbiá	Garrafa
Naierúp	Orfão
Necuahábi (?)	Bôbo
Nerembirecòi	Viuvo
Naputári	Não quero
Nerèmondói	Não déste
Nocói	Não está
Narretái	Pouco
Nhandê-húm	Querozene
Nhandê	Oleo vegetal
Nerepíni	Cortar o cabelo

O

Opoãn	Levantar-se
Omonguí	Introduzir
O-uì-him	Gritar
Ogâ	Casa
Orérapúi	Nosso rancho
Orocói-pendehé	Guerra, guerrear
Opáb	Terminou, findou
Ouèrohó	Ele levou
O-ipé	Um
Ohóriá	Voltamos
Ohó	Vai
Okád	Terreiro
Omondó	Dá, dou
Oú	Comer
Odíhehò	Chorar

Oniba-ôi	Cantar
Ohí	Caír

P

Pá	Longe
Pucú	Bastante
Piramocondáb	Anzol
Paratê	Maca
Paranã	Rio
Piá	Menino
Pêtúna	Noite
Penhangápe	Figura, imagem
Pendóga	Barraca
Pirarehê	Matar peixe
Pehó	Ide
Pacoité	Banana
Piá	Menino, menina

R

Retuãn	Umbigo
Rahí	Mãi
Rôbâ	Arvore
Rupíá	Ovo
Rúp	Pai

T

Tatátìn	Fumaça
Tatâ	Fogo
Tupãn	Deus
Tupá	Trovão
Tupará	Gramofône
Tapêê	Branco civilizado
Tapaiúm	Negro civilizado
Tapacuad	Flecha para peixe
Tacuád	Flecha para guerra
Tatá-ê	Páo de tirar fogo
Tatá-pêê	Carvão
Tapêen-apìd	Roupa
Tá	Deixa

Tamombó	Deixa jogar a linha
Taendú	Deixa ouvir
Tahapía	Deixa vêr
Takê	Deixa entrar
Tahó	Deixa ir
Tupáb	Rêde
Taiucá	Deixa matar
Taúd	Deixa vir
Taióvaêi	Deixa banhar o rosto
Tiahó	Vamos
Tinhã-en	Branco (côr)
Tira-húm	Ruím, màu
Tamondó	Deixa dar
Têê	Sobrinho

U

Uêb	Flecha de caça
Uêaêm	Pàssaro
Uí	Farinha
Urucureà	Mocho, coruja

Y

Yahê	Lúa
Yahê-êpê	Lua nova
Yahê-tatá-i	Estrêla
Yaêuêde	Malóca

O *h* é aspirado nas palavras em que figura.

Pronômes pessoais:

Dihí, di, a	Eu
Indé, dé, e	Tú
Gahá, ga, o	Ele
Iandé, ti	Nós
Penhãn, pe	Vós
Nharrá, o	Eles

Pronômes e adjetivos possessivos:

Ahé	Meu, minha

Dehé	Teu, tua
Gahá	Seu, sua, dêle, dela
Nhandé, oré	Nosso, nossa
Pehé	Vosso, vossa

Adjetivos numerais:

O-ipé	Um
Mocõin	Dois

Algumas frazes:

Tiahó erêrupê	Nós vamos dansar
Mará-momé dirúp?	Onde está meu pai?
Ehó mopó-heré	Ele vai pescar
Gará-inderéapó?	Que estás fazendo?
Ahê di-rahí	Minha mãi está doente

Observações:—As variações pronominais precedem a fórma verbal para indicar as diversas pessôas dos verbos. São as seguintes: do pronôme *dihí—di, a*; do pronôme *indé—de, e*; do pronôme *gahá—ga, o*; do pronôme *iandé—ti*; do pronôme *penhan—pe*; do pronôme *nharrá—o*. Exemplo: *ahó*—eu vou; *ehó*—tu vais; *ohó*—ele vai; *tiahó*—nós vamos; *pehó*—vós ides; *ohó*—eles vão.

Os prefixos comumente usados, são: *ta*—que exprime afirmação; *da* e *na*—que exprimem negação. Exemplo: *tahapía*—vejo; *dahapía*—não vejo; *aputári*—quero; *naputári*—não quero.

A construção das frazes é muito simples. Ao envez de *Marámomé ahé-rup?*—onde está meu pai?, eles dizem: *Marámomé di-rup?*—onde está pai eu?

Na designação de qualquer parte do corpo, êles antepõem ao substantivo o adjetivo possessivo. Assim, ao envez de *acãng*—cabeça, êles dizem: *ahé-acãng*—minha cabeça.

Lendas Indígenas

I

O Amazonas tem o seu logar na história das tradições indígenas.

Podemos afirmar que, alí, o espirito do selvícola ainda não perdeu a harmonia dos encantamentos com que os seus ancestrais souberam dar relêvo ao poêma da vida rústica.

Não é o costume bàrbaro que êle revive. A conciencia de um novo destino, a simples compreensão do ideal da civilização fizeram-no transformar o aspecto de sua indole, dando-lhe uma feição nova que o vai integrando, gradualmente, no âmbito da sociedade.

Mas, a despeito de sua natural e paciente adaptação, o aborígene não é capaz de esquecer a magía do fetichismo que o inspirou desde os primeiros lances da adolecencia, afivelando-se ao romantismo das lendas e das superstições, com aquele mesmo sentimento místico que induzíu o romano a criar o seu culto aos deuses, acendendo o fogo sagrado dos auspìcios.

Em abono da nossa opinião invocamos o testemunho do ilustre cientista padre Constantino Tastevin, que esteve em contacto com os indios *Cataúixís*, da Ilha do Breu e do rio Mineroá, e os *Canamarís*, dos ríos Jutahy, Gregorio e Juruá, tendo estudado os costumes dêsses selvícolas e obtido informações preciosas que dariam margem a um dos mais lindos trabalhos de etnografia.

Reportando-se ao que ouvira dêsses heróicos aborigenes, assim descreve o apreciado cientista a encantadora lenda em que os *Cataúixís* estabelecem o seu pa-

rentesco com os *Canamarís*: "O tucháua assobiou e chamando com a mão, do lado do nascente, gritou: — *Venham cá*! Logo acudiu uma quantidade de gente pequena. Olhou para ela e disse: — *Vão se embora*; *não prestam!* Virou-se, então, para o poente e chamou. Apareceu gente alta e forte, e êle disse: — *Bom! isso sim, me serve!* Eram os *Canamarís*, os *Catukinas* e os *Cataúixís*. Colocou os *Canamarís* em cima, os *Catukinas* no meio, longe da beira, e os *Cataúixís* no baixo rio..."

Como se vê, a lenda dos *Canamarís* é um mimo que encanta pela sutileza do seu enrêdo. A concepção do selvagem tem lances que surpreende pelo seu podêr de raciocínio, deixando vêr a percuciencia de um espírito que parece ter vivído em contacto com os antigos povos civílizados.

Mas, não é só. O padre Tastevin põe em relêvo a imaginação prodigiosa de outras tribus, traduzindo para o português o que na lingua indígena ouvira dos *Cataúixís*, quando estes lhe contaram a história da sua origem, dando-nos, assim, o quadro original de uma lenda que faría inveja ao pincel de Pedro Americo, tal a magía do seu entrêcho e a variedade fascinante de suas côres.

Não queremos desnaturar a belêza da fórma simples e graciosa. Damos essa lenda na íntegra, sem alteração de frazes nem de palavras, conservando a mesma fidelidade do escrito com que nos encantou o padre Tastevin, ao tempo em que eu exercia as funções de auxiliar do Serviço de Proteção aos Indios no Amazonas e Acre.

Ei-la: "Os *Cataúixís* contam assim a sua origem: Nós não nascemos atôa, não; foi Tâma que nos fêz. No principio, no primeiro dia do mundo, apareceram dois: Tâma e Kirák. Foi Tâma que fêz tudo. Kirák era muito tôlo, não fazia nada, só asneiras. Tâma fê-lo virar tatú. Tâma pegou uma folha de *icoéke* (sororoquinha), soprou e

virou *Canamarí*. Por isso somos poucos, nós, porque *icoéke* é pouco, não tem filhos como bananeira. Soprou urucurí e virou *Caxinaua*. Por isso é que há muito *Caxinaua*, há muito urucurí e, naquêle tempo, urucurí tinha filhos como popunheira. Depois baixou em canôa, cantando: *hí! hí! hí!* e abrindo o rio... Numa praia viu um taquaral, soprou e virou *branco*. Por isso é que há muitos *brancos*. Depois foi-se embora. Ninguem mais sabe dêle..."

Retratando, assim, duas preciosas lendas dos indios *Canamarís* e *Catauixís*, não posso deixar de exaltar a belêza de sua concepção, reservando uma outra oportunidade para estudar os dialétos dêsses selvicolas, dos quais vi dois magnificos vocabulários organizados pelo coronel Anastacio Cavalcante, então investido das funções de delegado regional do Serviço de Proteção aos Indios no seringal "Palermo", do rio Juruá.

II

Não menos curiosas são as notas que colhi, *in loco*, na região do Madeira, a respeito de uma das lendas criadas pela imaginação dos indios *Muras* (mouras).

Existe naquela região, em um dos recantos mais solitários do afluente Rio Preto, uma pequena ilha misteriosa, que se tornou conhecida pela denominação de *Ilha do Comprido.*

A sua nesga de terra firme, polvilhada de árvores frondosas, que deixam vêr imensas clareiras na mata, dá aos olhares do observador a perfeita ilusão de um bosque, em torno do qual o rio se arqueia e soluça na inquietação febril de suas aguas negras.

A solidão e a tristeza são as companheiras inseparaveis dessa ilha, onde, a muito custo, se sente o voejar de um pássaro tardío ou os gemidos dolentes da cauãn nas frondes das sapopêmas.

A unica harmonia que alí se escuta com frequencia é a do vento que range nos ramos virentes das samaumeiras esbeltas, arrancando e sacudindo fôlhas que rolam até a beira do rio, precipitando-se na orla rendilhada pelo verde gaio das canarânas rasteiras.

Descolorida assim de poesía, essa ilha ficaria despercebida da história se não tivesse uma função curiosa: é, no dizer dos indios *Muras*, um monticulo de terra que se move e anda como os seres animados... Quando o rio enche, tomando proporções de um imenso lençol flutuante, ela sóbe, lenta e silenciosa, deslocando-se de sua posição em busca de um estirão que fica á montante de

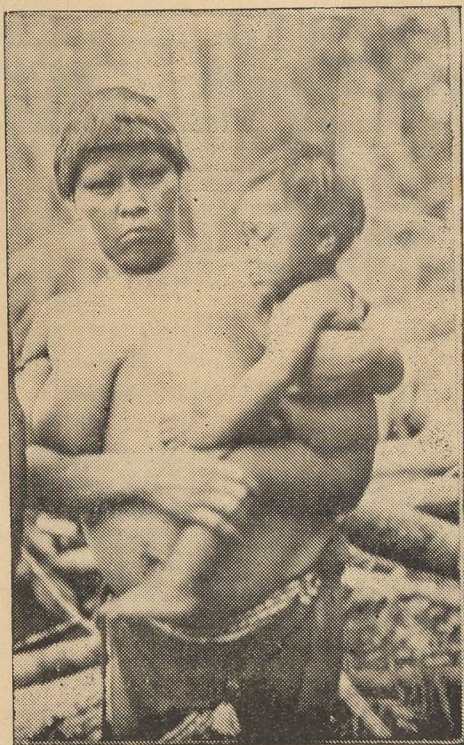
seu rumo. Quando o rio vasa, deixando a descoberto as franjas pardacentas das praias mais iminentes, ela desce de bubúia como um barco á mercê dos repiquetes, voltando ao logar primitivo de sua misteriosa espiação.

Dando àzo ao seu espirito rudimentar, os antigos *Muras* criaram nma lenda em torno dessa ilha: consideram-na um exilio misterioso das almas sem destino que ainda não puderam alcançar as graças de Tupan, deixando vêr que éla não tem paradeiro certo, e ora aumenta, ora diminue na configuração de seu aspecto natural.

Esbôçando de relance a lenda dessa ilha, tenho a idéa de que não mentiu a imaginação de Euclides da Cunha quando nos disse que "o Amazonas é um mundo vacilante, efémero, antinômico, na paragem extranha onde as proprias cidades são errantes como os homens, perpetuamente a mudarem de sitio, deslocando-se á medida que o chão lhes foge roído das correntezas ou tombando nas terras caídas das barreiras."

Martirológio da raça indígena

. . . Eram como caçadores entusiasmados ante um bando de guaribas! Cada um quiz sua parte na caçada. Apontavam a arma, descarregavam e o pobre indio caía no meio de gargalhadas gerais! Assim caíram todos, a excepção de um que ficou preso a um galho. Depois desta matança retiraram-se satisfeitos os civilizados, mas não tanto como parecia, porque, no mesmo dia, voltaram para empilhar os corpos e lançar-lhes fôgo, só escapando das labaredas os que rolaram, mortos, na lagôa. Os corvos acabaram a obra "civilizadora" e ainda por muito tempo alvejavam pelas praias as ossadas dos infelizes *crichanãs.*

Barbosa Rodrigues

No rio Jauaperí: — India da tribu Uaímiry

O rio Jauaperí, afluente do rio Negro, no Estado do Amazonas, tem a sua história.

Desde épocas remotas é habitado pelos indios *Jauaperís, Crichanãs, Atroahís, Uaímirís* e outras tribus que nunca tiveram relações comerciais com gente civilizada e só apareceram na história depois que o elemento civilizado, invadindo as suas terras, contra elas teve de sustentar lutas sanguinolentas.

A primeira expedição, de que se tem notícia, foi chefiada por Manoel Pereira de Vasconcelos que, em 1856, invadindo aquele rio, á cata de escravos, inflingiu sangrenta batida aos infelizes aborígenes, sendo repelida na altura do ataque.

A essa expedição seguiram-se outras não menos inclementes, acirrando fortemente o espírito dos perseguidos, que, em represalia, atacaram e ocuparam a vila de Moura, em 1873.

Contra o honroso desagravo insurgiu-se o governo provincial de então. Mandou àquela vila o coronel Rego Barros Falcão que, munido de tropa e de pezada artilharia, não hesitou em levar a morte e a desolação ao seio daquéla pobre gente. O morticinio foi horroroso, inconcebivel! Mas, não ficou nisso. Depois dêle, seguiu-se a sinistra expedição do tenente Horta, que, em lanchas especiais, passou todo o ano de 1874 a caçar os indios no Jauaperí.

A situação indígena reclamava um surto de piedade, um gesto de misericordia. Foi assim que, em 1884, se fez sentir alí a ação benemerita do grande naturalista Barbosa Rodrigues, que não poupou esforços no sentido de amparar e pacificar os perseguidos, colocando-os fóra das vistas do civilizado invasor.

Esta medida humanítaria teve, porém, curta duração Pouco tempo depois os aventureiros reiníciaram as suas investidas, penetrando nos logares recônditos da floresta

para desalojar os indios e tomar-lhes as terras provídas de castanhais.

A sânha feróz tomou vulto, dando aos selvícolas a imputação de perseguidores e culpados para que melhor partido pudésse tirar das graças e da proteção oficial. O expediente medrou; surtiu o desejado efeito. E disto resultou que, em 1906, uma expedição policial invadiu o Jauaperí, aprisionando 18 e chacinando friamente 203 indios, inclusive mulheres e crianças!

A noticia abalou profundamente a capital amazonense; não houve um só jornal independente que não profligrasse essa horrorosa hecatômbe. Mas, depois, seguiu-se a peregrinação dos sobreviventes. Os prisioneiros foram conduzídos para Manaus, alí ficando sujeitos a amargas privações e sob a impressão acabrunhante do sacrifício dos seus entes que tombaram inertes no sólo e ficaram servindo de repasto aos corvos esfaimados.

Muita gente os víu, em Manaus, a sofrêr o fél amargo da desventura. Quasi sempre ao caír da tarde deixavam o quartel da policia, que lhes servia de asílo, rumando passivamente até a praça dos Remedios, onde, estacados á beira do rio, não se cançavam de mirar o espelho das aguas em que boiavam as saudades de suas igarités nem de sentir as impressões da malóca que ficára distante, agora despojada dos encantos dos *teupáres* e sem o sorriso dos filhos que, tantas vezes, viram brincar ao clarão das fogueiras.

Mas, não é só. Outros infelizes eram submetidos á vida da caserna, transformados em praças de *pret* e su jeitos a rigorosa disciplina, como se ao indio habituado á vida rústica fôsse dado esse dôm de adaptar-se, bruscamente, aos costumes da civilização.

A contingência era dolorosa, inconcebível, e déla resultou a morte de quasi todos os indios, alguns dos quais estiveram internados na Santa Casa de Misericordia de Manaus. Ha quinze anos atraz, quando estive na formosa cidade amazonense, como redator do *Jornal do Comercio* e funcionário da Inspetoria de Indios, ouvi de um ilustre clinico o relato que êle me fêz da morte de um

dêsses proscrítos, a quem, anos antes, servira de assistente. Na hora da extrema agonía, sentindo ainda o calor das recordações, o selvícola ergueu a muito custo a cabeça, desprendeu dos olhos uma lágrima e entoôu uma canção na lingua dos seus ancestrais. Era uma litanía que parecia evocar as saudades da floresta ou talvez a lembrança das sombras de seus mortos. Poucos minutos depois reclinou a fronte sobre o leito e expirou tão calmo como as notas gementes de um *smorzando* final de ária.

Após a tragedia de 1906, os indios ainda tiveram alguns momentos de tréguas.

O destemido coronel Alipio Bandeira, uma das maiores culturas do nosso glorioso exercito, esteve alí em 1911 e conseguiu reatar a pacificação dos selvícolas, entrando em relações com êles. Mais tarde a Inspetoria do Serviço de Proteção aos Indios fundou um Pôsto no logar *Tauacuéra* e outro em *Marráua*, visando, por esse modo, controlar a ação dos invasores e restituir a paz ao seio dos perseguidos.

Coube esta meritória taréfa aos meus presados companheiros drs. Bento Martins Pereira de Lemos e Artur Deodato Bandeira, então chefes do Serviço, sendo de notar que o último esteve por algum tempo nesta capital, como inspetor regional do trabalho.

Diante das tristes cênas que ensanguentaram o rio Jauaperí, tornam-se oportunas as memoraveis palavras do grande escritor patricio Manuel Miranda: "Mais infeliz até do que a raça negra escravizada, os atuais indígenas brasíleiros sofrem, além da infamia de um cativeiro ilegal e asfixiante, a dura sorte de foragidos da cobiça do civilizado invasor".

Índice

Obras do Autôr:

"Através do Amazonas" — *Manaus — 1922.*

"Fôlhas Sêcas" — *Manaus — 1923.*

"A Pacificação dos Parintintins" — *Rio — 1925.*

"Etnografia Indígena" — *Fortaleza — Volume I.*

A publicar:

"Miscelânia" — *Crônicas e conferências.*

"Etnografia Indígena" — *Volume II.*

"Prodígios da Ciência" — *Estudos sôbre os notaveis professores drs. Fernando Paulino, Augusto Paulino e Augusto Torres.*

"Flôres e Espinhos" — *Versos.*

Com Grijalva Antony:

"Natal de Jesus" — *Drama pastoril, em 2 atos.*

"E' Buraco ..." — *Revista de costumes amazonenses, em 2 atos.*

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura